

a solenidade como
fator de ironia:

“a guerra”, de estevão azevedo

*Jean Pierre Chauvin**

O que logo chama a atenção, neste conto de Estevão Azevedo, é o absoluto contraste entre a matéria de que trata o enredo e a dicção assumida pela voz de quem narra. Desde as primeiras linhas, somos apresentados a uma situação de conflito entre as tropas do Sul e do Norte, em que a pompa do conflito cede lugar às questões mínimas e transitórias, mas alçadas ao máximo grau pela desmedida atenção dos militares aos protocolos que antecedem e regem o clima de batalha entre dois povos.

Nesse sentido, pode-se dizer que durante a leitura lidamos com um par de oposições: uma que diz respeito à longa rivalidade entre as regiões; outra, que mostra a diferença gritante entre o suposto heroísmo da guerra com o discurso desqualificador que as enuncia e que, portanto, converte a própria beligerância em jogo burocrático e caprichoso pelo poder.

* Jean Pierre Chauvin é professor de Literatura Brasileira no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes (USP). Contato: tupiano@usp.br

Enquanto as “cornetas” do Sul entoam seu paradoxal “cântico de guerra”, os soldados do Norte, reagindo à mesma altura da incongruência, “responderam em compassada algazarra”. Combinado aos disparates que embalam a afetada solenidade que cerca a disputa anunciada, o narrador desfecha poderosos golpes na contenda que prepara, incrementando-a, ainda que pelo avesso, com divertidas hipérboles: “Ao Sul, as lâminas eram tão afiadas que partiam o vento em dois; ao Norte um canário distraído pousou numa espada e caiu dividido ao meio.”

A segunda grande artimanha de Estevão Azevedo é relativizar o tom oficial encontrável em determinados manuais de história. Em lugar de enaltecer os grandes feitos, supondo gritos e hinos ao alcance inverossímil de muitos milhares de soldados, ficamos a saber que a mensagem do general Machado “teve de ser passada de ouvido em ouvido”, em “sendo o barulho enorme e os soldados muitos”.

Mas o conto não apenas desnuda os pseudo argumentos que justificariam os embates mais sangrentos; nem só relativiza a veracidade dos tratados de história. Em meio ao dado jocoso, que pauta o tom assumido pelo narrador, “A guerra” permitiria repensar algumas das infelizes e persistentes disputas de nosso mundo pós-moderno. Norte e Sul poderiam equivaler, com sinal idêntico ou invertido, a Israel e Palestina, mesmo porque “os dois povos sugeriram de um só povo, e que eram, portanto, irmãos de sangue”.

Essa chave de leitura ganharia mais força, se considerássemos as múltiplas pistas deixadas pelo narrador, à medida que o conto avança (em que a batalha é habilmente postergada). Em favor desta hipótese, valeria assinalar o dado religioso: “Os sacerdotes do Norte pregam em seus sermões que um dia (...) uma ofensa foi proferida e uma traição fora armada”. A despeito do motivo mais que vago e frívolo, a única forma de resolver a pendência que perdurava por gerações e gerações seria de que o Sul se retratasse.

Como também acontece no mundo da não-ficção, a origem incerta da bruta rivalidade entre os povos é reafirmada a todo instante, em que vão se acumulando causas as mais tacanhas e diversas, com vistas a justificar o embate, sempre adiado.

Justamente por isso é que ambas as regiões enaltecem o fator cultural, ambas afeitas ao característico apelo à erudição. Qualidade essencial a este conto de Estevão Azevedo, o procedimento formal diverte e também ensina: serve a desmoralizar a energia investida na própria luta e suas motivações. Nem é por outra (des) razão que a “Enciclopédia Ilustrada do Sul registra um verbete que ocupava quarenta e oito páginas dedicadas ao Norte”.

Tudo entra em jogo, inclusive as pretensas demandas e, claro, a suposta relevância da guerra. Corroborando o dado inusitado da disputa, que é rebaixada e recuada a minúcias hilárias, o exército do Norte chega ao ponto de interromper a marcha para a sangrenta batalha “por um instante, para que o retratista oficial do reino, planando a léguas dali num balão, pintasse o momento em que os milhões de homens da nação partiram para a vitória.”

O caráter beligerante não impede (antes realça) a disparidade entre o ato de bravura e a fala frouxa, formal e morosa, em que “por pouco, na ausência de assunto, um soldado sulista não comentou com um nortista (...) sobre o céu seu nuvens e sobre as possibilidades de chuva”. Mas o problema maior e igualmente risível estava por vir na forma de uma sentença breve, incisiva, atirada por uma personagem. Afinal, “Como podiam lutar com uniformes iguais?”.

A partir deste momento, o conto entra em sua segunda seção, por assim dizer. O tom solene ainda contagia a narrativa; mas, agora, o narrador passa a tratar não sobre ponderadas estratégias de guerra (por sinal, em constante adiamento), mas em como dar início ao embate.

opiniões

Como de costume, algumas mentes (em tese privilegiadas) que encabeçam o forte aparelho burocrático de ambas as forças armadas, oferecem soluções tão ou mais disparatadas e sem sentido que a própria batalha. O general do Norte, por exemplo, argumenta: “se não poderemos diferenciar quem é quem, convençionemos: o inimigo será sempre aquele que estiver à frente do soldado, já que nós iremos para o Sul, e eles virão em direção contrária.”

Puro artifício e inútil procedimento, ainda mais se somado à refutação do “pintor oficial e consagrado do reino”, que não admite “a hipótese de ter que mudar o retrato oficial das tropas.” Daí uma outra hipótese, autoritária e nada brilhante: “Defendo que obriguemos o Sul a trocar de cor”.

Anos depois, ficamos a saber que o representante do Sul vai até o Norte, onde reafirma o bom senso de seu Imperador: “bom administrador que é, sugeriu um combate organizado, em que o uniforme não fizesse diferença.” Em meio à discussão que trava com o general do Norte, aprimora a ideia e propõe nova solução: “–Vês que trago barba? Assim lutaremos nós. Cada qual com o famoso uniforme, idênticos uns aos outros, mas nós ostentando uma poderosa barba, vocês imberbes como jovens.”

Como era de se esperar, a proposta que parecera razoável a ambos os lados logo motivou dissensões internas. De um lado, promoveu o comércio de lâminas *versus* tônicos capilares; de outro, fomentou novos e discutíveis

estratagemas que assegurassem a realização da guerra. Na questão-síntese de um militar do norte, “Defendemos a pátria ou os bons costumes?”.

Pautada por uma escrita ágil, contrapondo o discurso oficioso e as picuinhas a toda prova, “A guerra” permite uma leitura muito bem-humorada, sem perder de vista as contradições que presidem as querelas toscas – mas manejadas com empenho e afetação pelos poderosos de ambos os setores (Norte e Sul). O fator cronológico, não enfatizado no conto, sinaliza para o fato de que, no desajuste de contas, todas as guerras se parecem, independentemente do momento histórico em que acontecem.

Um dos pressupostos de Estevão Menezes talvez resida na analogia entre os limites da convenção literária e o ridículo cerimonial bélico. Não se pode perder de vista que o conto relativiza a suposta nobreza do tema. O embate entre as tropas, quando finalmente acontece, também mostra que, neste conto, a batalha é quase um pretexto a anular a grandiloquência dos planos militares.

Em “A guerra”, as numerosas contendas e decisões oficiais mostram-se fruto de personagens volúveis. Uns e outros revelam ser carentes de coerência e são decididamente reféns dos artificios que presidem os seus discursos, pretensamente sérios e graves. O contista parece dizer que, em determinados contextos e servindo a incertos fins, algumas palavras caminham em paralelo com as convenções que abrilhantam a fala dos poderosos, mas negam a validade de si mesmos e das demais disputas, verbais ou não.